



A importância do conhecimento popular e feminino na construção do conhecimento agroecológico

The importance of popular and feminine knowledge in building agroecological knowledge

AZEVEDO, Michele Cruz¹; CARVALHO, Igor Simoni Homem de²

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), micheleazevedouff@yahoo.com.br;

²Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA-UFRRJ, igorshc@ufrj.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidade na Construção Agroecológica

Resumo: Este trabalho explicita a disputa existente sobre o conceito da agroecologia e enfatiza a contribuição dos conhecimentos populares de mulheres periféricas na construção do conhecimento agroecológico, apontando para a necessidade de valorização e fortalecimento da transmissão destes conhecimentos. O trabalho foi realizado no contexto da pesquisa de mestrado que investigou os conhecimentos a respeito de plantas medicinais de mulheres de Petrópolis-RJ, abordando aspectos tangenciais como, por exemplo, o papel desempenhado historicamente por elas na divisão social do trabalho. O estudo propõe-se a contribuir para o fortalecimento e ampliação da visibilidade de mulheres detentoras de conhecimentos e de seu potencial para a construção da Agroecologia.

Palavras-chave: educação; agroecologia; gênero; plantas medicinais.

Introdução

Este artigo está relacionado à pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA) da Universidade Federal Rural do Estado do Rio de Janeiro (UFRRJ), que estabelece um diálogo com mulheres do município de Petrópolis-RJ que utilizam plantas medicinais, analisando suas experiências e propondo ações voltadas para processos educacionais. Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar o debate existente sobre o conceito da Agroecologia, enfatizando a contribuição dos saberes ancestrais sobre plantas medicinais e fortalecendo a visibilidade de mulheres detentoras desses conhecimentos.

Paulo Freire (1987) nos traz contribuições valiosas sobre o potencial educacional e pedagógico envolvendo a transmissão de conhecimentos populares. A Educação Popular é uma forma diferenciada e potente de aplicar e buscar o saber dentro de parâmetros pedagógicos, que consiste em reafirmar e valorizar a cultura pré-existente, amenizando desequilíbrios sociais com a conscientização do potencial e participação mais ativa do educando na formação da sua identidade.



Os saberes populares são construídos empiricamente, a partir do “fazer”, e são transmitidos e validados de geração em geração, principalmente por meio da linguagem oral, de gestos e atitudes. Produzidos e transmitidos de forma solidária, nem sempre, quem os domina, traz o entendimento do porquê dos procedimentos, e às vezes se baseiam em crenças de antepassados. Dessa forma, compartilhamos da definição trazida por Xavier e Flor (2015), que consideram os saberes populares como um conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos (famílias, comunidades), fundamentados em experiências ou crenças, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos.

A Agroecologia adota o que se convencionou chamar de “diálogo de saberes” (TOLEDO, 2016:44), tratando também do diálogo com as lutas e resistências das comunidades camponesas e com os movimentos de crítica e contestação aos impactos sociais e ambientais do processo de modernização da agricultura e do crescente poder das grandes transnacionais sobre o processamento, produção e o consumo de alimentos. Schmitt (2016), antes de apresentar uma retrospectiva da trajetória histórica de emergência das “ideias agroecológicas”, apresenta as perspectivas teóricas que orientam essa reflexão, colocando que a palavra “agroecologia” condensa, hoje, diferentes significados. Em conversa com outros autores, como Wezel *et al.* (2009) e Altieri e Toledo (2011), a autora coloca que o termo poderá ser entendido, simultaneamente, como uma ciência, como um conjunto de práticas e que, para os movimentos sociais, designam ora uma ferramenta de luta e ora um modo de vida (SCHMITT, 2016:11). Nos valemos também do conceito apresentado por Balem e Silveira (2002), que defendem a Agroecologia, também, como promotora um modo de vida.

O trabalho participativo, para o desenvolvimento da Agroecologia garantirá que a construção e as mudanças da realidade, sejam de apropriação popular, por isso a compreensão de que praticar Agroecologia não é apenas mudar as formas de produzir alimentos, mas a forma de viver torna-se primordial, configurando-se no que refere-se no trabalho como “modo de vida” (BALEM; SILVEIRA, 2002, p.20).

Caporal e Costabeber (2004) apresentam a agroecologia com enfoque científico, trazendo, em seus estudos, falas, frases e expressões que, apesar da provável boa intenção do seu emprego, demonstram equívocos que podem trazer interpretações que expressem um reducionismo do significado mais amplo do termo Agroecologia. Os autores defendem que a agroecologia só pode ser pensada e composta por um diálogo de saberes, nutrida por mais de uma disciplina, dentro do campo científico.

Resumindo, a Agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas



científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2004:13).

Esta definição apresenta o conhecimento local como ponto de partida que, integrado ao conhecimento científico, dará lugar à construção e expansão de novos saberes. Mostra-se então um processo dialógico entre atores com diferentes saberes, construindo conhecimentos que incorporam dimensões mais amplas e complexas, que incluem variáveis econômicas, sociais, ambientais, culturais, políticas e éticas (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). Coadunamos com as demarcações apresentadas pelos autores mencionados no que tange à apresentação da Agroecologia como ciência atravessada pelo diálogo de saberes de várias áreas do conhecimento, abrangendo e acolhendo a sabedoria local e ancestral; isso me faz vê-la como um conceito não estático, mas que dá a diretriz a um novo modo de vida.

Mediante as disputas existentes sobre os conceitos, torna-se importante evidenciar a definição de agroecologia enquanto ciência, movimento e prática. Na maioria dos casos, estes três significados estão fortemente interligados ou sobrepostos, associando visão política (movimento), aplicação tecnológica (prática) e produção de conhecimento (ciência) (WEZEL *et al*, 2009).

A agroecologia traz um caráter participativo, envolvendo ação social coletiva com um enfoque holístico em que há um papel central da dimensão local. Esta ação social coletiva é portadora de um potencial endógeno, rico em recursos, conhecimentos e saberes, que facilita a implementação de estilos de agricultura potencializadores da biodiversidade ecológica e da diversidade sociocultural. Busca nos conhecimentos e experiências já acumuladas um método de intervenção que, além de manter coerência com suas bases epistemológicas, contribua na promoção das transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis. Dentre estes conhecimentos e transformações, faz-se urgente reconhecer os saberes populares de mulheres e seu potencial para combater os efeitos perversos do capitalismo e do machismo estrutural sobre nossos corpos, territórios e sobre o planeta.

Metodologia

Este trabalho se baseia na pesquisa que resultou na dissertação intitulada “Um Estudo sobre Educação Popular: Usos e conhecimentos sobre plantas medicinais por mulheres de Petrópolis-RJ” (AZEVEDO, 2023). Nesta pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos, textos e livros que pudessem nos aproximar do tema em questão, dentre os quais destaco: mulheres e agroecologia; e mulheres e plantas medicinais.



Com embasamento na metodologia “observação participante”, foram entrevistadas oito mulheres do município de Petrópolis-RJ. Estas tinham, em suas histórias, algum tipo de relação com o contexto rural, mesmo que sua realidade atual seja o contexto urbano, pensando em suas heranças culturais e o modo das possíveis transmissões e compartilhar de seus conhecimentos. Por meio das vivências dessas mulheres em seus territórios, conheci de forma mais profunda cada história de vida e as heranças culturais, identificando como o conhecimento sobre as plantas medicinais que estas possuem são cultivados e transmitidos ainda nos dias atuais.

Resultados e Discussão

O Brasil apresenta uma diversidade enorme de crenças, culturas e formas de expressão, sendo produzido dessa maneira uma teia conhecimentos que envolvem famílias e comunidades detentoras de saberes populares. Entende-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais está relacionado ao papel feminino nas famílias. Através da oralidade, as mulheres são as principais disseminadoras da cultura de prevenção e tratamento de doenças. Ao valorizar o aprender com a sabedoria ancestral, vimos emergir a agroecologia.

Ana Maria Primavesi (2008) reforça, em suas teses, o laço que deve existir entre o fazer agroecológico e o saber tradicional e popular:

A Ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo o clima, os seres vivos, bem como as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida. Sempre que os manejos agrícolas são realizados conforme as características locais do ambiente, alterando-as o mínimo possível, o potencial natural dos solos é aproveitado. Por essa razão, a Agroecologia depende muito da sabedoria de cada agricultor desenvolvida a partir de suas experiências e observações locais (PRIMAVESI, 2008, p.3).

A valorização dos saberes, transmitidos por mulheres, frutos de vivências locais e comunitárias, precisa ser considerada. Entretanto, o que observamos atualmente é um processo de apropriação do comum pelo mercado, no qual os serviços, as relações sociais, a natureza, o tempo e o próprio corpo humano se transformam em mercadorias. Percebemos que essa apropriação invadiu não apenas o campo da indústria, mas avançou em relação aos bens que não lhe pertenciam, especialmente a natureza, coisificando a terra e extraindo tudo aquilo que pudesse ter valor no grande mercado das relações econômicas e sociais, desde elementos materiais até as culturas e os saberes históricos.



Siliprandi (2015) traz importantes contribuições para o debate do movimento agroecológico, quando reivindica o legado da igualdade e da autonomia das mulheres, onde as relações de humanidade com a natureza recuperem o sentido de unidade e continuidade e no qual as propostas não se restrinjam a uma boa gestão dos recursos, como entende o ambientalismo feminista.

Essa perspectiva contribui para o fortalecimento das mulheres que viveram e vivem sob o domínio do patriarcado, disseminando e compartilhando seus saberes sobre, por exemplo, plantas medicinais. A luta contra a apropriação do mercado e mercantilização da vida faz-se necessária, por isso trabalhar agroecologia como ciência, movimento e prática pode ser visto como um caminho para alcançarmos outros modos de vida, enxergando isso como formas de resistência ao capitalismo.

O conceito de gênero nos permite entender que “ser homem” e “ser mulher” se refere a construções históricas e sociais, em que os papéis sexuais e a dominação masculina são construídos histórica e socialmente. Essa questão é vista como se fosse da natureza, e não fruto de uma determinada ideologia, que tende a reproduzir uma ordem social baseada em relações de poder contraditório que atinge homens e mulheres de forma diferenciada. Segundo Joan Scott (1995, p.86), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Dentro dessa cultura do patriarcado, que perpassa a divisão sexual do trabalho, às mulheres eram reservados papéis específicos: o de reprodução, manutenção e cuidado da família e, para fora do âmbito doméstico, tudo que fosse relacionado a essas funções era então atribuído à mulher.

Devido à divisão dos papéis sociais construídos culturalmente, principalmente no mundo ocidental, as mulheres sempre desempenharam o papel de educadoras e cuidadoras do ambiente familiar; assim, a saúde, o cuidado e a segurança alimentar e nutricional quase sempre estiveram sob sua responsabilidade, o que forçou as mulheres a conhecerem as propriedades das plantas medicinais e dominarem seu manejo e beneficiamento. Sempre foi comum o uso de chás, xaropes, infusões e inalações, a partir do conhecimento das propriedades das plantas e a indicação das mesmas para tratamentos da saúde. Entende-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais está relacionado ao papel feminino nas famílias, através da oralidade, as mulheres são as principais disseminadoras da cultura de prevenção e tratamento de doenças. Com o avançar de um sistema onde quase tudo se transforma em mercadoria, inclusive os bens necessários para viver, ou seja, a própria saúde, estes saberes vêm sendo deixados de serem transmitidos e valorizados.

Conclusões

Entendo que a agroecologia pode contribuir para fortalecimento e ampliação da visibilidade de mulheres detentoras de conhecimentos, pois apresenta grandes



contribuições para a valorização dos saberes populares femininos, que perpassam as variáveis econômicas, socioambientais, culturais, políticas e éticas, além de contribuir na promoção das transformações sociais necessárias para gerar padrões de produção e consumo mais sustentáveis. A agroecologia atravessa também as questões de gênero, raça e etnia, e se constitui em um movimento de crítica ao modelo econômico industrial capitalista. Este conceito em disputa nos ensina outros modos de vida e outras formas de relacionamento com a natureza, com a contribuição de saberes gerados por camponeses, povos e comunidades tradicionais. As mulheres periféricas pesquisadas, mesmo sem conhecer o termo Agroecologia, apresentam um saber internalizado e práticas que revelam toda uma sabedoria agroecológica.

A relação dessas mulheres com as plantas medicinais tem atravessado gerações por meio da produção e transmissão de conhecimentos, pelo ato de ensinar e aprender ao mesmo tempo. O enfraquecimento dessas práticas é consequência direta do avanço do modo capitalista de produzir e das relações socioeconômicas relacionadas, que dilapidam as redes comunitárias de afeto, solidariedade e cuidado, e sobrecarregam em especial as mulheres, e mais ainda as mulheres negras e periféricas. Nesse sistema importa que cada vez mais a dependência seja aumentada, portanto as relações sociais, a natureza, o tempo e o próprio corpo humano se transformam em mercadorias. Sigamos na luta e na esperança de que a agroecologia siga sendo teoria e ação prática emancipatória também para o enfrentamento às questões da subordinação das mulheres.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. A; TOLEDO, Victor. M. Agroecological revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. **Journal of Peasant Studies**, v.38, n.3, p. 587-612, 2011.

AZEVEDO, Michele C. (2023) Um Estudo sobre Educação Popular: Usos e Conhecimentos Sobre Plantas Medicinais por Mulheres de Petrópolis-RJ. Dissertação (Mestrado) Seropédica: UFRRJ.

BALEM, Tatiana. A; SILVEIRA, Paulo. R. Agroecologia: além de uma ciência, um modo de vida e uma política pública. **Anais do V Simpósio Latino-Americano sobre Investigação e Extensão em Sistemas Agropecuários e V Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção**. Florianópolis – SC, 2002.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

PRIMAVESI, Ana M. Agroecologia e Manejo do Solo. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, vol. 5, nº 3 – setembro 2008.

SCHMITT, Claudia J. A Transformação das “Ideias Agroecológicas” em Instrumentos de Políticas Públicas: dinâmicas de contestação e institucionalização de novas ideias nas



políticas para a agricultura familiar. **Revista Política & Sociedade** - ISSN 2175-7984, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Edição v15 (2016).

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015

TOLEDO, Victor. M; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

WEZEL, Alexander. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. **A review. Agronomy for Sustainable Development**, vol. 29, p. 503–515, 2009.